



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

“COMO ESTOU CUIDANDO DE MIM? CORPO, GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL DE JOVENS ESTUDANTES EM ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DO RECIFE-PE”

Autor (1) Paulo Valfredo Mesquita de Souza; Co-autor (1) Luciana de Araújo Francisco; Co-autor (2) Natali da Silva de Oliveira;

Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE. E-mail: paulov@prof.fafire.br

Resumo: O relato de vivência “Como estou cuidando de mim? Corpo, gênero e orientação sexual de jovens estudantes em escolas públicas na cidade do Recife-PE” é um projeto de extensão universitária da FAFIRE - Faculdade Frassinetti do Recife, realizado com alunos/as do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II de escolas públicas da capital pernambucana. O projeto tem como principais objetivos contribuir para que esses/as jovens: (i) protejam-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores; (ii) conheçam e adotem práticas de sexo seguro e protegido, desde o início de seu relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir infecções sexualmente transmissíveis (IST’s), inclusive HPV e HIV; (iii) evitem gravidez indesejada; (iv) respeitem a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos ao corpo, gênero e sexualidade. Adotou-se como prática os princípios das intervenções socioeducativas - que visam o empoderamento e a autonomia dos sujeitos - bem como a conscientização dos/as atores/atrizes sociais envolvidos/as, estimulando-os/as a emancipação e ao protagonismo social. O projeto desenvolve suas atividades desde 2016, através da realização de oficinas, divididas por eixos temáticos (corpo, gênero e sexualidade) e ministradas por monitores/as voluntários/as, que são estudantes oriundos dos cursos de graduação e de pós-graduação da FAFIRE. Os/as monitores/as do projeto passam por um processo seletivo e formativo para atuarem como replicadores/as das informações vivenciadas. Os frutos, efeitos e implicações dessa atividade são pertinentes e expressivos. Desse modo, este trabalho pretende apresentar os primeiros resultados e avanços dessa experiência socioeducativa.

Palavras-chave: Corpo, Gênero, Sexualidade, Educação, Adolescentes.

Introdução

O relato de vivência “Como estou cuidando de mim? Corpo, gênero e orientação sexual de jovens estudantes em escolas públicas na cidade do Recife-PE” é fruto de um projeto de extensão universitária da FAFIRE - Faculdade Frassinetti do Recife, que tem como

principais objetivos contribuir para que esses/as jovens: (i) protejam-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores; (ii) conheçam e adotem práticas de sexo seguro e protegido, desde o início de seu relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir infecções sexualmente transmissíveis (IST’s), inclusive HPV e HIV/AIDS; (iii) evitem



gravidez indesejada; (iv) respeitem a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos ao corpo, gênero e sexualidade. Dessa maneira, esse trabalho quer apresentar uma experiência desenvolvida que nos permitiu proporcionar um discurso socioeducativo no qual se pôde trabalhar a reflexão dos/as adolescentes, como também desenvolver um espaço de troca, saber e construção mútua de conhecimento e posicionamentos sociais. Essa experiência contemplou aspectos importantes, como o de contribuir para o despertar dessas questões entre os/as adolescentes, no que se refere à consciência crítica e à tomada de decisões a respeito de seu próprio corpo, suas relações com o outro dentro de sua diversidade de ser e estar no mundo e sua sexualidade, pautados no respeito e nos valores, crenças e comportamentos.

O projeto se desenvolveu em turmas do 6º ao 7º ano do Ensino Fundamental II e teve duração de dois semestres consecutivos, em uma escola pública do Recife, com a presença e o acompanhamento de uma (1) monitoria e trinta (30) voluntários/as por semestre, todos/as, graduandos/as e pós-graduandos/as, organizados/as da seguinte forma: seis (6) a sete (7) voluntários/as, acompanhados/as de uma monitoria que, diariamente, direcionavam as discussões

dentro de sala de aula, de segunda a quinta-feira, distribuídos/as entre as turmas. Os/as alunos/as público-alvo eram meninos e meninas e tinham, em média, de onze (11) a dezenove (19) anos. Ao longo dos semestres de 2016.2 e 2017.1, foram atendidos/as trezentos/as e oitenta e quatro (384) alunos/as, em sua maioria, moradores/as da periferia do grande Recife. Diante desse cenário, se observou no público-alvo uma grande desigualdade socioeconômica, reproduzindo, muitas vezes, em suas falas, conteúdos trazidos de seu contexto familiar e social.

Metodologia

Nos debates em sala, foi possível obter a participação dos alunos durante as exposições. Como metodologia, trazemos uma pesquisa documental, tendo como referências principais Cássia Carloto et al (2000), Andreia Barreto et al (2009) e Guacira L. Louro (1998), que nos ofereceram um suporte nas questões relacionadas ao corpo, gênero, sexualidade e educação. Para tanto, nos utilizamos de um modelo exploratório, através de Marconi e Lakatos (2011), por meio de vídeos, dinâmicas, exposições dialogadas e debates relacionados às temáticas. Os/as alunos/as tinham a oportunidade de expor suas opiniões e vivências acerca das temáticas: gênero, corpo e orientação



sexual, corroborando discussões no campo da feminilidade e da masculinidade. Dessa forma, foi importante resgatar os temas que envolvem o amadurecimento dos/as adolescentes, o conhecimento de seus corpos e o entendimento da sua relação com a sexualidade.

Por meio de oficinas, vídeos e debates acerca das três diretrizes do projeto: corpo (higiene e cuidados), gênero e orientação sexual, diariamente, construímos conhecimento com base em tais temáticas. Os diálogos ocorriam a partir dos conhecimentos já adquiridos pelos/as alunos/as, fundamentados nas suas experiências e construções subjetivas em referência às concepções da relação de gênero, métodos contraceptivos, primeira relação sexual, IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e diversidade sexual. O objetivo era contribuir para que os/as estudantes conhecessem e reconhecessem seu corpo, bem como valorizassem e preservassem sua saúde sexual; reconhecessem como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra possíveis discriminações quanto à diversidade sexual ou explorações a elas associadas; fossem orientados/as no que diz respeito aos métodos contraceptivos, evitando a gravidez indesejada, bem como

prevenindo-se do contágio e transmissão de IST's, inclusive HPV e HIV/AIDS.

No eixo de orientação sexual, discutimos acerca do vídeo curta metragem *Medo de quê?* (Instituto ProMundo, Instituto PAPAÍ e ECOS), com o objetivo principal de promover a reflexão crítica em torno da diversidade sexual em nosso cotidiano. As intervenções socioeducativas visavam à autonomia dos sujeitos e à conscientização dos/as atores/atrizes sociais envolvidos/as, estimulando o protagonismo social, a fim de contribuir para que eles/as tenham criticidade em tomadas de decisões responsáveis a respeito do seu corpo e de sua sexualidade, fomentando o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos ao corpo, gênero e sexualidade.

Os desafios foram trabalhar a desconstrução dos estigmas e preconceitos voltados a tais temas, levando em consideração que nosso objetivo não era desconstruir nenhum pensamento ou subjetividade dos/as atendidos/as, mas de promover a capacidade de dialogar, de ouvir a opinião do outro, e assim serem formadores/as de opinião. Os/as jovens também se viram capazes de estabelecerem um pensamento crítico com relação às vivências sociais associadas às temáticas, de reconhecerem o outro como diferente de si, possuidores/as de concepções próprias



em sua singularidade, além de suas ações influírem no bem-estar do outro, que se afeta e deixa-se afetar no convívio das relações sociais em nosso dia a dia.

Resultados e Discussão

Conforme Giddens (2012), entende-se gênero a partir das diferenças psicológicas, sociais e culturais entre os indivíduos do sexo masculino e feminino, tendo associação direta com as noções construídas pela sociedade relativas ao conceito de masculinidade e feminilidade, não sendo diretamente produto ligado ao sexo biológico de nascença do indivíduo, pois muitas diferenças de gênero a ele atribuídas não são de origem biológica.

Na ótica de Saffioti (1992), as relações de gênero refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres.

Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero (COSTA; BRUSCHINI, 1992, p. 2).

Na prática, vimos exemplos desses estigmas de papéis nas relações de gênero, pois, por meio das discussões acerca das oficinas, as meninas designavam ao homem o dever de ter e usar o preservativo, atribuindo ao parceiro a responsabilidade por sua saúde sexual e

responsabilidades gestacionais. Elas possuem vergonha de obter, apresentar e conversar com o outro sobre tais métodos.

Observamos também meninas que contribuía para um pensamento pró-machista, já que elas mesmas afirmaram que mulheres têm que se dar o valor. Usar roupa curta, por exemplo, caracterizaria uma ausência de moral feminina, enquanto outras diziam que as atribuições das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos seriam responsabilidades femininas, e não masculinas.

Os meninos apresentavam como responsabilidades ser provedor da casa e da família, obtendo também o poder de mandar e desmandar no outro. Exemplo disso foi a fala seguindo o modelo social do patriarcado, quando perguntávamos se menino pode brincar de boneca, quase sempre ouvíamos que não, que o menino que brinca de boneca fica “afeminado” e se torna *gay*!

A temática também foi muito importante para desconstruir algumas ideias já formadas pelos alunos sobre a questão do corpo, como orientações higiênicas e mitos sobre masturbações masculinas e femininas. Entretanto, o que mais chamou a atenção foram as questões voltadas para as IST's, a respeito das quais eles/as não tinham praticamente nenhum tipo de informação, e para a saúde pública



a adolescência assume grande relevância, tendo em vista que é nessa fase que, geralmente, se iniciam as práticas sexuais. Sendo assim, os/as adolescentes estão mais vulneráveis no que se refere às infecções sexualmente transmissíveis, gestação não planejada e aborto. A consequência disso pode determinar implicações no campo moral desses adolescentes que, diante de algumas situações, tem-se uma criança a cuidar de outra, obrigando-o/a amadurecer precocemente.

Segundo Barreto *et al.* (2009), a sexualidade é uma construção de processos contínuos não lineares, envolvendo aprendizado e reflexão, através não só desses fatores, mas também de outros, por meio dos quais elaboramos uma percepção acerca de quem somos. Ao nascer, são adquiridas algumas características biológicas; mas todo o resto vai sendo construído e formado ao longo da vida. Por isso encontramos tanta diversidade nas expressões da sexualidade humana, estando também relacionada às formas que vivemos e exprimimos publicamente nossas afetividades.

A partir daí, podemos pensar e refletir acerca do que é a sexualidade e de como se faz importante essa construção de conhecimentos críticos relacionados ao tema, para assim conhecer melhor a si, ao outro e à gama das diferentes formas de

diversidade humana. Ouvíamos falas do tipo: “Vai falar de sexo né, tia/o?” “Ah! Eu já sei de tudo” (muitas vezes partindo dos meninos). Porém, após algumas interrogações, percebíamos que era esperado que o menino soubesse mais do que a menina, pois assim era previsto pela sociedade, que restringia sexualidade a sexo.

Sobre as diferenças corporais e sexuais entre homens e mulheres, orientação e diversidade sexual, expectativas e cuidados relacionados não só à primeira relação sexual, mas à prática sexual e prevenção sobre IST's, coletávamos as informações prévias buscando não intervir ou influenciar nas respostas, para que posteriormente fosse possível, juntos, fazermos a reflexão, na qual o ponto de vista de outros/as alunos/as também era apresentado, e nós, como facilitadores/as, direcionávamos essas discussões.

No eixo das diferenças sexuais, observávamos alguns estigmas como: “Menino é mais pegador”, “Menino sente mais prazer”. Alguns meninos diziam que meninas sentiam mais prazer, mas que eles é que possuíam o despertar maior da sexualidade, que “Menina que ‘pega’ mais de um em uma balada não é menina de respeito”; já “Menino que pega várias é ‘normal’ e é o esperado”. Observamos,



assim, a construção dos padrões sociais estabelecidos no que tange à masculinidade. Ainda no eixo sexualidade, iniciávamos os debates com a pergunta: opção ou orientação sexual? O mais comum era ouvirmos o termo opção sexual.

Nessa perspectiva, Letícia Lanz (2014) destaca que

Orientação sexual está relacionada ao desejo erótico-afetivo de uma pessoa: com quem ela gosta de namorar e/ou fazer sexo... na nossa cultura ocidental, a orientação sexual da pessoa é tida como um atributo umbilicalmente atrelado ao seu sexo genital e, naturalmente, ao gênero que lhe foi atribuído ao nascer em razão da sua genitália. Em outras palavras, quem nasce macho, ou seja, com um pênis, é naturalmente classificado como homem e tem-que-ter atração erótico-afetiva por mulher. Quem nasce fêmea, isto é, com uma vagina, é naturalmente classificada como mulher e tem-que-ter atração erótico-afetiva por homem. Nenhuma outra possibilidade de combinação entre sexo, gênero e orientação sexual é plenamente aceita e legitimada, ainda que seja mais tolerada no mundo atual (LANZ, 2014, p. 41).

Apresentamos também a sigla LGBTTTI (lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais) e notamos que algumas siglas eram mais conhecidas por eles/as, enquanto outros termos, como intersexual, era novidade entre eles/as. Observamos ainda que alguns conceitos eram conhecidos por eles/as de forma mais popular, e não coincidiam com a real definição, como o exemplo do que seria *travesti*, que muitas vezes era para

eles/as sinônimo de transexualidade, ou de que apenas homens poderiam se travestir de mulher.

Houve até o caso de uma menina evangélica que demonstrou interesse nas temáticas como sendo algo novo para ela, muitas vezes, fazendo questionamentos relacionados à sua religião, e que ao conhecer a diversidade das siglas nos perguntou: “Mas existe tudo isso, e eu, o que sou? Também quero poder dizer o que sou e não vejo aí” (apontando para o quadro onde estavam escritas as definições de cada sigla). Por vontade própria, ela citou que era menina e “gostava” de menino e queria saber o que era. Quando apresentamos a ela a palavra heterossexual, ela se reconheceu e, feliz, gritou pra seus amigos: “Eu sou hétera, eu sou hétera!”.

Observamos também falas do tipo “Meu filho tem que ser homem; se não for, coloco para fora de casa”, atribuindo a orientação sexual *gay* como não sendo pertencente ao papel social de homem, mas também não sendo mulher, mas, subjugado e inferior à categoria masculina.

Muitos dos temas trazidos eram vistos como tabus, e notou-se um interesse muito grande nos adolescentes quando o tema era relacionado a conhecer o próprio corpo, relações de gênero, diversidade e orientação sexual, assim como questões acerca da iniciação sexual. Percebeu-se



também um preconceito no que tange à homossexualidade, através de frases ditas em sala, como: “Se eu tivesse um filho gay, botava para fora de casa e dava uma surra de cinta!”. “Não ando com *gay*, para não virar *gay*!”, “Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem!”.

Diante dessa escuta, foi discutido na oficina o direito à liberdade da expressão de gênero e de orientação sexual, assim como também a importância do respeito ao próximo. A partir dessas discussões, foram abordadas situações vivenciadas pelos adolescentes na rua, na escola ou em casa. Eles/as puderam trazer relatos reais, sobre os quais todos/as opinaram, e analisaram questões relacionadas a brincadeiras, profissões, ou ao andar na companhia de alguém que tem uma orientação diferente da sua. Um dos conflitos encontrados foi reter a atenção desses jovens e obter uma comunicação clara para que nos fizéssemos entender, para que o diálogo fluísse de forma recíproca entre os/as alunos/as e nós, que estávamos ali, para construir conhecimento junto com eles/as. Segundo Louro (1998), foi preciso experimentar e vivenciar árduas disputas para que se começasse a romper o gueto dos núcleos ou grupos de estudos “de mulher” para “gênero”, e o conceito adquirisse um novo estatuto.

De acordo com a visão e os estudos de Scott (1995), analisamos o que contribui para elucidar que, quando discutimos a respeito dos papéis femininos e masculinos na sociedade, não estamos colocando homens e mulheres em oposição, mas aprofundando a necessidade de desconstruirmos a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, na direção de uma igualdade política e social, que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça.

De acordo com Louro (op. cit.), relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os trabalhos sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero.

Diferentemente da identidade de gênero, os papéis de gênero são as formas de manifestação ou representação social de ser macho ou fêmea. Compreendendo que as formas de manifestações desses papéis são produtos de construção social constituídos em modos de subjetivação distintos, mantínhamos sempre o respeito à opinião alheia. Direcionando a todos/as o



papel de escutar e compreender a singularidade do outro, acreditamos na função do conhecimento. Portanto, esclarecíamos que se respeitavam todas as opiniões e não existia uma única *correta*, mas que precisávamos entender também o conhecimento científico.

Há que se considerar, nesse contexto, que a iniciação sexual não pode ser entendida simplesmente como a primeira relação sexual, porque, antes disso, um parceiro deve estar disposto a permanecer com o outro em diversas situações, mas como um processo que envolve fortemente as relações de gênero, moldadas pelo próprio significado atribuído culturalmente à sexualidade. Com relação à sigla LGBTTI, os/as alunos/as tiveram espaço para tirarem dúvidas e compreender as novas formas de se relacionarem no mundo, compreendendo a importância do respeito e do apoio, como também de diferenciar o que é ou não preconceito.

A partir daí, foi possível perceber como os/as jovens de hoje encaram o desafio de se colocar diante da sociedade, e como eles/as percebem a forma com que são vistos/as. É necessário desconstruir uma visão imposta pela sociedade em relação a meninas e meninos, apesar das questões implícitas no cotidiano desses/as adolescentes, para que, aos poucos, possam vivenciar suas próprias histórias e construir

seus saberes e experiências, para assim participarem significativamente da construção de uma identidade de gênero prazerosa ressignificando a sua própria história.

Conclusões

Diante do contexto apresentado, foi possível observar que o projeto foi muito positivo e tornou-se de grande contribuição para o saber dos/as adolescentes, levando em consideração que existe uma deficiência de informação no que tange aos temas abordados, dentro da própria família e da rede pública de ensino. Acreditamos que este projeto trouxe uma experiência única, tanto para os responsáveis pelo trabalho como para os/as alunos/as.

É importante contemplar essa demanda, e trabalhar a partir de uma posição crítica e ética, para que todos/as possam se encontrar dentro de sua própria história. Para isso, entrevistou-se de modo a questionar esses conceitos e, como resultado, foi observado que os/as alunos/as repensaram e construíram um novo pensamento crítico de que homossexualidade não é doença, que não determina caráter, nem é um fator discriminatório, ou que justifique que se pratiquem atos de violência, seja ele qual for, e que, dentro de sua diversidade, o ser humano deve possuir direitos iguais, independentemente da orientação sexual,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

da mesma forma que as questões de corpo e sexo, e que não se faz necessário aceitar, mas respeitar a diversidade.

Consideramos que, no geral, alcançamos o objetivo inicial do projeto. Para a maioria da turma, esses pensamentos, antes tidos como absolutos, foram repensados e revistos. Já para alguns/mas outros/as alunos/as, observamos que se enrijeceram contra qualquer abertura de conhecer o que passávamos, como se a verdade deles fosse absoluta e tão forte, que nenhuma outra pudesse penetrar esse muro que eles/as mantinham em relação a nós, podendo, muitas vezes, ter distorcido o conhecimento, por não terem apreendido ou não terem escutado, ou nem se permitido participar do processo.

Discutir as questões de gênero hoje significa ampliar o olhar para o respeito ao outro, e visa ao direito de igualdade nas relações, além de levar o sujeito a uma desconstrução dos estereótipos criados pela sociedade atual. Esperamos que as reflexões discutidas em sala possam ter contribuído para reverter preconceitos, bem como de que seja cultivado o respeito entre as pessoas.

Referências

BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete *et al.* **Gênero e diversidade cultural nas escolas**: livro de

conteúdo. Rio de Janeiro, CLAM/IMS/UERJ), 2009.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Revista do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. 1, p. 54-87, jan/jul, 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3_n2_genero.htm>. Acesso em: 11 jul. 2017.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Editora Penso, 2012.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. *In*: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero e saúde**. São Paulo: Rosa dos Ventos, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul. /dez. 1995.